

## / PALAVRA DO LEITOR

## Aula de equitação

Iniciativas como o Menos telas, Mais selas, comandado por Tomaz Gonçalves, atleta do Freio de Ouro, buscam proporcionar experiências para crianças e adolescentes longe das telas. Além da escola, o espaço, localizado na Zona Sul de Porto Alegre, recebe crianças por meio de um projeto social. Ao todo, são 70 alunos (GeraçãoE, edição de 09/04/2026). Tomaz Gonçalves é um exemplo de atleta profissional e transfere o que aprendeu para beneficiar a comunidade. (Marta Isabel Caruccio Hubner)



## Aula de equitação II

Tomaz Gonçalves é um craque dentro e fora das pistas. O projeto desenvolvido por ele agrega muito na vida das crianças. (Luis Eduardo Cunha)

## Empreendedorismo

O Clube Juntô, espaço recém-inaugurado em uma ampla casa do bairro Santa Cecília, que propõe oficinas e espaços de convivência para adolescentes de até 17 anos (GE, 09/04/2026). Esse espaço é muito interessante. Se fosse jovem, adoraria participar. (Larissa da Silva Barbo)

## Endividamento

O endividamento das famílias gaúchas permaneceu próximo a 85% no período entre setembro de 2025 e fevereiro de 2026, enquanto a inadimplência voltou a crescer na margem e o comprometimento da renda atingiu os maiores níveis em anos (JC, 07/04/2026). O endividamento está alto, mas enquanto isso o governo está arrecadando muito com os sites de apostas. (Alexandre Saldanha)

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. É necessário indicar no título do e-mail se é "Artigo" ou "Palavra do Leitor". Os artigos e cartas publicados com assinatura são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

## Aos anunciantes e agências de publicidade

### Alteração de horário de fechamento

Face ao feriado de Tiradentes em 21 de abril, a edição do dia 21 será conjunta com a do dia 20 de abril, com o fechamento comercial às 17h do dia 17 de abril.

A edição do dia 22 de abril de 2026 circulará normalmente, com o fechamento comercial às 17h do dia 20 de abril.

## / ARTIGOS

## Um cluster hidroviário metropolitano

Wilten Manteli

A história das hidrovias gaúchas poderia ser resumida em dois momentos: um, de acentuado crescimento; e, após, nos últimos 50 anos, um drástico encolhimento de suas vias navegáveis. Eram 1.200 km e, em 2023, em torno de 700 km, ocorrendo nova redução com as cheias de 2024.

De um total de 12 portos, restam três: Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande; dos 21 terminais privados, sobraram 14; das 11 empresas de navegação anteriormente existentes, hoje, remanescem quatro.

Essa derrocada foi provocada pela falta de manutenção da infraestrutura hidroviária, num equívoco dos governantes de então, mas que está sendo corrigida pelo atual governo mediante um investimento de R\$ 250 milhões do Fundo do Plano Rio Grande (Funrigs).

A experiência desses longos anos está a requerer um novo modelo que assegure a manutenção permanente dos acessos aos terminais para mitigar os efeitos danosos da descontinuidade dos governos no setor de transporte.

Por essas razões seria oportuno observar modelos de iniciativas bem sucedidas de aproveitamento de hidrovias nos países desenvolvidos.

Um bom exemplo seria o cluster hidroviário de Duisburg, Alemanha, considerado o maior

porto fluvial do mundo. A geografia da Região Metropolitana de Porto Alegre também tem condições de abrigar um cluster, pois engloba 34 municípios, 15 indústrias, sendo um polo petroquímico, com terminais, estaleiros, um importante porto fluvial (Porto Alegre), clubes náuticos entre outros. Necessitaria para tanto de um arranjo institucional entre os interessados para criar uma governança com mentalidade empresarial.

Este modelo teria a função de alinhar propósitos, alavancar a integração entre os municípios e empresas, assegurar a navegabilidade permanente das vias, promover o compartilhamento da infraestrutura, de serviços de logística e de apoio ao comércio exterior, juntamente com a qualificação de recursos humanos.

O cluster, se adotado, ampliaria os caminhos para o comércio interno e exterior, constituindo-se em relevante fato para o desenvolvimento gaúcho.

Presidente da HidroviasRS

A geografia da Região Metropolitana de Porto Alegre tem condições de abrigar um cluster

## Lei Rouanet cresce, mas não democratiza

Vanessa Pires

Os números impressionam, e devem mesmo. O recorde recente de captação via Lei Rouanet, que alcançou R\$ 3,41 bilhões em 2025 e consolida uma trajetória de crescimento nos últimos anos, é um sinal positivo para o setor cultural brasileiro. Mas, como toda estatística robusta, ele esconde camadas que precisam ser analisadas com atenção.

A Lei Rouanet não é apenas um mecanismo de financiamento, mas uma engrenagem que articula Estado, iniciativa privada e sociedade. Quando a captação atinge níveis recordes, mais de R\$ 8,8 bilhões no atual ciclo de governo, estamos diante de dois movimentos: o aumento da confiança das empresas em associar suas marcas à cultura e a maior capacidade do setor em estruturar projetos consistentes.

Projetos culturais passaram a disputar recursos não só pela relevância artística, mas também por critérios de governança, transparência e execução. A cultura passou a dialogar com métricas, indicadores e retorno para patrocinadores. Não se trata mais apenas de criar, mas de gerir.

Apesar do avanço em regiões como Norte, Nordeste e Centro-Oeste, o Sudeste e o Sul ainda

concentram a maior parte da captação. Ou seja, crescer não é o mesmo que democratizar.

Estudos indicam que cada real investido via Lei Rouanet gera retorno superior para a economia, ativando cadeias que vão além da cultura, como turismo, transporte e serviços. A expansão da captação não se traduz apenas em mais produção cultural, mas em desenvolvimento.

O dado mais relevante, porém, seja menos visível: a mudança de percepção. Após anos de polarização e desinformação, o crescimento consistente da captação sugere que o instrumento se consolidou como política pública funcional. Empresas seguem investindo, projetos seguem sendo viabilizados e o sistema continua operando.

Isso não significa ausência de problemas. O momento de crescimento é também o mais adequado para discutir aprimoramentos: ampliar o acesso a pequenos produtores, incentivar diversidade e inovação e garantir impacto social mais amplo.

Os números mostram expansão, mas não necessariamente equidade. Indicam força, mas não asseguram distribuição. Revelam confiança, mas não substituem estratégia.

Para quem atua na interseção entre cultura, negócios e impacto, o desafio vai além de celebrar recordes. É interpretar o que eles indicam, e, sobretudo, o que ainda deixam de revelar.

O que está em jogo não é apenas crescimento, mas a oportunidade de consolidar a cultura como vetor estruturante do desenvolvimento brasileiro.

CEO da Brada

Estudos indicam que cada real investido via Lei Rouanet gera retorno superior para a economia